

A “GLOCALIZAÇÃO” DA POLÍTICA NA TELEVISÃO: FICÇÃO OU REALIDADE?ⁱ

Ruth Wodakⁱⁱ

Resumo: Este artigo investiga a “glocalização” da série popular dramática de televisão norte americana *Nos Bastidores do Poder* (*The West Wing*), enfatizando (em alguns aspectos) um episódio em particular. Porque a política está inerentemente unida à linguagem, ao discurso e à comunicação, farei uma abordagem a partir da perspectiva da Análise Crítica do Discurso (abordagem histórico-discursiva), com destaque especial aos elementos da Teoria da Argumentação e da Retórica, e unirei esses estudos aos da mídia. Mais especificamente, tento elucidar de que maneira o conhecimento aprofundado dos *topoi*, que operam dentro de diálogos complexos e de interações, ajuda a revelar os objetivos políticos e didáticos da série (manifesta e latente), incorporados a uma longa tradição de transmissão de valores liberais americanos por meio de filmes e televisão. O episódio analisado neste artigo, *Isaque e Ismael* (que foi ao ar logo após o 11 de Setembro), é especial porque relata, de maneira explícita, os principais eventos da vida real; o tópico que tem em foco a “guerra ao terror” desloca a atenção da política interna dos EUA para um assunto que, de acordo com a política retórica americana, diz respeito ao mundo inteiro. Dessa forma, esse episódio une debates que acontecem em uma das instituições mais famosas do mundo, *A Casa Branca*, com aqueles que acontecem nos locais de trabalho ao redor do mundo: um verdadeiro momento “g/local”ⁱⁱⁱ. A análise interdisciplinar permite uma visão para a construção discursiva intrincada e complexa de novas narrativas *glocais*, em especial, no período de crise política, revelando quais normas são projetadas e recontextualizadas local e globalmente, dadas as muitas traduções da série pelo mundo.

Palavras-chave: Análise da argumentação. Abordagem histórico-discursiva. Falácia. Ficcionalização da política.

ⁱ Referência do texto fonte desta tradução: WODAK, R. The globalization of politics in television: Fiction or reality? *European Journal of Cultural Studies*, London, n.13, v.1, p.1-20, 2009.

ⁱⁱ Docente da Universidade de Lancaster, Inglaterra. Email: r.wodak@lancaster.ac.uk.

ⁱⁱⁱ “g/local”: global/local.

Abstract: This article investigates the “glocalization” of the US TV popular drama series *The West Wing*, while focusing on one (in some ways) exceptional episode. Because politics is inherently linked to language, discourse and communication, I will take an approach from the perspective of critical discourse analysis (the discourse-historical approach), with a particular focus on elements of argumentation theory and rhetoric, and combine this with media studies. More specifically, I attempt to illustrate how a thorough understanding of the *topoi* operating within the complex dialogues and interactions helps to reveal the series’ (manifest and latent) political and didactic objectives, embedded in a longstanding tradition of conveying US American liberal values via films and TV. The episode analyzed in this article, *Isaac and Ishmael* (which was broadcast immediately after 9/11) is exceptional because it explicitly relates to salient real life events; its topical focus on the “war on terror” shifts attention from US domestic politics to an issue that, according to US policy rhetoric, concerns the whole world. Thus, this episode links the debates taking place in one of the world’s most famous institutions, *The White House*, with those occurring in workplaces across the world: a truly “g/local” moment. The interdisciplinary analysis allows insight into the intricate and complex discursive construction of new glocal narratives, particularly in times of political crisis, revealing which norms are projected and recontextualized both locally and globally, given the many translations of the series worldwide.

Keywords: Argumentation analysis. Discourse-historical approach. Fallacy. Fictionalization of politics.

Mídia, política e ficção

Este artigo analisa a série *Nos Bastidores do Poder*, tendo-a como exemplo de um gênero que tem demonstrado ser uma fonte usual para investigar recentes tendências socioculturais no engajamento do público com o mundo político (CHALLEN, 2001; CRAWLEY, 2006; PARRY-GILES e PARRY-GILES, 2006; WODAK, 2009a). Estou interessada em saber como as produções televisivas funcionam na sociedade em geral, quais as necessidades são satisfeitas por esse gênero “entretenimento político” (HOLLY, 2008; RICHARDSON, 2006; RIEGERT, 2007) e de que maneira tais programas podem influenciar as crenças populares sobre a política. Parto do princípio de que os mundos criados por tais dramas ficcionais funcionam como uma segunda realidade ou um *mito* (BARTHES, 1957), como uma realidade em que os auditórios gostariam de acreditar, justamente porque os problemas complexos são resolvidos por políticos aparentemente sábios que aderem aos valores considerados positivos pela elite hegemônica e pelo auditório em geral. Proponho o termo “ficcionalização da política” para esse trabalho em curso (WODAK, 2009b).

Em seguida, concentro-me, mais detalhadamente, em alguns elos que há entre a política, o jornalismo e a mídia. Além disso, ilustro essas considerações com um exemplo, bem específico, da série popular dramática *Nos Bastidores do Poder*, que alcançou *status de cult* não apenas nos EUA, mas também em muitos países do mundo (O’CONNOR e ROLLINS, 2003; ROLLINS e O’CONNOR, 2003). Neste artigo, vou me restringir à análise do episódio *Isaque e Ismael*, como modelo particular de interdependência entre a política, a cultura popular e a mídia. Para isso, aplicarei alguns conceitos da Teoria da Argumentação e da Abordagem Histórico-Discursiva (AHD) da Análise Crítica do Discurso. Terei de negligenciar a vasta literatura sobre a análise

de narrativas em filmes e outros gêneros orais e remeter o leitor a excelentes sínteses, tais como as de Bordwell e Thompson (2004) ou de Bamberg (2007). Pela referência aos notórios valores liberais do Ocidente, tais como tolerância, igualdade e antirracismo - todos encontrados no famoso filme *12 Homens e uma Sentença (12 Angry Men, 1957)*, dirigido por Sydney Lumet¹-, mitos peculiares sobre a política e valores na política são globalizados e, então, tornam-se parte dos discursos hegemônicos². Dessa maneira, o episódio de *Nos Bastidores do Poder* que, em especial, analiso neste artigo, pode ser considerado como um gênero híbrido que se baseia, por um lado, na tradição de filmes americanos acima

¹ Disponível em: http://www.wikipedia.org/wiki/12_Angry_Men (acesso em 15 de agosto de 2009), para mais detalhes sobre o enredo e a recepção do filme. Ele foi adaptado para a televisão em 1997 e tornou-se um arquétipo para muitos outros filmes e séries de TV americana que tentam educar o público quanto aos valores e ideais liberais do Ocidente.

² Existem, é claro, muitos filmes americanos que vêm à mente quando nos referimos aos valores liberais antirracistas do Ocidente, tais como (só para citar alguns): *A Time to Kill* (1996, baseado em um romance de John Grisham, 1987, disponível em: http://de.wikipedia.org/wiki/A_Time_to_Kill (acesso em 15 de agosto de 2009) e *To Kill a Mocking Bird* (1962, baseado no romance de Harper Lee (1960), vencedor do Prêmio Pulitzer, disponível em: <http://www.sparknotes.com/lit/mocking> (acesso em 15 de agosto de 2009). Em todos esses filmes, temas sobre o racismo e antirracismo são discutidos, tipicamente em grandes cenas de tribunal e nas deliberações do júri. Esses filmes, de modo geral, exercem uma função didática ao ensinar ao público que as crenças e preconceitos racistas, profundamente internalizados (contra americanos de origem africana), são equivocados e violam as normas de justiça e dos direitos humanos. Dessa forma, *Nos Bastidores do Poder* continua e vale-se de uma importante tradição (como será ilustrado abaixo) ao empregar um modo didático nas produções americanas de cinema e TV. Por questões de espaço, não posso, evidentemente, elaborar essa dimensão histórica com detalhes.

mencionada e, por outro, no gênero popular dramático de série *cult* de TV³.

Glocalização da política

Nós estamos vendendo um produto. Esse produto que estamos vendendo é a democracia. Essas palavras são atribuídas ao ex-secretário de Estado dos Estados Unidos, Colin Powell, ao definir a diplomacia americana (*apud* van HAM, 2002, p. 250). Mitsikopolou (2009, p.3) argumenta:

Se esse deslocamento de paradigmas políticos do mundo moderno, da geopolítica e do poder, para o mundo pós-moderno de imagens e de influência continuar, espera-se ter um enorme impacto sobre a natureza da política internacional e sobre o caráter do nacionalismo e da democracia.

Pesquisas recentes apontam para grandes mudanças ocorridas na percepção e representação da política, e nas expectativas em relação aos políticos⁴. Dick Pels (2003, p. 59) resumiu, de forma sucinta, essa mudança de estilo, de desempenho e de percepção, ao enfatizar as contradições inerentes aos novos papéis dos políticos, principalmente devido à necessidade de se tornarem personalidades da mídia:

Por um lado, os líderes políticos tiraram suas auras elitistas e tentaram se tornar "um de nós". Por outro, a distância é reafirmada pelo afastamento da estrela que, ao conservar-se permanentemente diante dos olhos do público, ainda é vista como intocável e como aquela que "vive em um mundo diferente". Nesse sentido, os políticos partilham cada vez mais da "simplicidade extraordinária" que caracteriza a celebridade democrática moderna.

³ Sou muito agradecida ao Greg Myers por apontar-me essa direção.

⁴ Ver Corner e Pels (2003), Wodak (2006, 2009a,b) e Holly (2008).

No entanto, quando a política e a cultura dividem uma relação progressivamente simbiótica, há necessariamente consequências negativas. Dada a competição feroz pela atenção do público, a notícia política privilegia cada vez mais a narrativa breve⁵ sensacionalista. Consequentemente, na medida em que "os bastidores" da política são divulgados, eles tendem a ficar restritos ao boato, ao escândalo e à especulação. O desaparecimento dos limites na política entre a ficção e a realidade, entre o informativo e o entretenimento, torna-se, particularmente, evidente em programas tais como a produção britânica *Yes Minister*⁶, a série dramática alemã *Im Kanzleramt*⁷, o show de comédia da TV sueca *Parlamentet* iniciado em 1999, ou um programa similar dinamarquês que estreou em 2003⁸. Há, obviamente, muitos outros exemplos.

Esses fenômenos sugerem que quando os leigos querem ser informados sobre a política, eles recorrem, cada vez mais, a diferentes fontes. Os telejornais não estão interessados no rotineiro, antes preferem se concentrar em crises, catástrofes e conflitos (ver OBERHUBER *et al*, 2005; Triandafyllidou *et al*, 2009). Eles raramente cobrem experiências e eventos positivos, apesar do novo modelo do

⁵ NT: O termo *short story* refere-se a uma nova modalidade de narrativa breve, caracteristicamente mais realista, que surgiu nos Estados Unidos em substituição ao *tale*, até então o mais usado.

⁶ Disponível em: <http://www.yes-minister.com>. (acesso em 15 de agosto de 2009), que é mais uma sátira do que uma produção dramática popular.

⁷ Disponível em: http://www.zeit.de/2005/27/Kanzleramt_27 (acesso em 15 de agosto de 2009). *Im Kanzleramt* é, em grande parte, baseado em *Nos Bastidores do Poder*, embora o combine com o gênero da famosa série policial semanal *Tatort* do canal ZDF.

⁸ Disponível em: [http://www.tv4.se/2.5344; http://www.youtube.com/watch?v=r-ko4hYq6bU&feature](http://www.tv4.se/2.5344;http://www.youtube.com/watch?v=r-ko4hYq6bU&feature) e <http://www.imdb.com/title/tt0386233> (acesso em 15 de Agosto de 2009).

*Jornalismo para a Paz*⁹ (LYNCH e McGOLDRICK, 2005). Além disso, a mídia tem sido, obviamente, influente ao chamar a atenção do público sobre as personalidades, em vez dos complexos processos sócio-políticos. Aliás, van Zoonen (2005, p. 3), com razão, argumenta:

Definir a política sem considerar o restante da cultura não é uma opção viável para a manutenção da cidadania: não apenas não sobreviverá à competição do tempo livre, mas, ainda mais importante, estará também separada, diferente e distante da vida cotidiana.

Simultaneamente, essas tendências apontam para uma saturação, frustração e insatisfação com o noticiário convencional que, normalmente, mostra-nos somente uma política “grandiosa ritualizada” (*o palco*), ou um restrito *bastidor* constituído por “sexo e crime”, ou pela cultura da celebridade aparente (ver MARSHALL, 2006, p. 248ss; STREET, 2001, p. 185ss). Esses processos podem também ser considerados sintomas de “despolitização” (HAY, 2007, p. 37) do interesse em filmes ou programas de ficção que produzem e constroem um mundo diferente da política, ou tentam e convencem os telespectadores de que os episódios são semelhantes (ou mesmo iguais) “à verdadeira política”. Entretanto, esses processos também podem ser considerados uma consequência da “glocalização”.

Analisando a retórica política: Abordagem Histórico-Discursiva (AHD)

Desenvolvida no campo dos estudos do discurso, a AHD provê um meio para olhar a dinâmica do poder latente e a série de potenciais em sujeitos, pois integra e triangula

⁹ NT: O *Jornalismo para a Paz* surge como uma alternativa às coberturas de guerra que geralmente ficam centradas nos relatos detalhados da violência. Esse novo tipo de *jornalismo* propõe a contextualização dos conflitos, das causas, dos interesses e dos objetivos.

conhecimento sobre fontes históricas intertextuais e o *background* dos campos social e político em que os eventos discursivos estão incorporados.

Além disso, a AHD faz distinção entre as três dimensões que constituem significados textuais e estruturas: os *tópicos* que são falados/escritos (no nosso caso, o conteúdo do episódio específico); as *estratégias discursivas* empregadas (consciente e inconscientemente; no nosso caso, para transmitir os pretendidos valores liberais do episódio); e os *meios linguísticos*, que são mobilizados para realizar os *tópicos* e as *estratégias* (e.g., estratégias argumentativas, *topoi*, pressuposições).

A análise sistemática qualitativa da AHD leva em consideração quatro camadas de contexto: (1) *as relações intertextuais e interdiscursivas* entre enunciados, textos, gêneros e discursos (e.g.: recorrendo a outros filmes relacionados e a narrativas ficcionais tais como *12 Homens e uma Sentença*); (2) *as variáveis extralinguísticas sociais/sociológicas* (e.g.: o evento que, no nosso caso, foi nomeado *11 de setembro*); (3) *a história e a arqueologia dos textos e organizações* (e.g.: as circunstâncias institucionais de produção da série televisiva *Nos Bastidores do Poder*); e (4) *os frames institucionais do específico contexto de uma situação* (o episódio específico sob investigação). Dessa forma, somos capazes de explorar como os discursos, os gêneros e os textos mudam em função dos contextos sociopolíticos e com quais efeitos (ver REISIGL e WODAK, 2009; WODAK, 2001, 2008a)¹⁰.

¹⁰ Nesse artigo, eu enfatizo principalmente os *topoi*, falácias e referências intertextuais empregadas em um episódio específico. Em outros lugares (Wodak, 2009a, b) eu apresentei uma análise narrativa de vários episódios considerados como os mais típicos do *Nos Bastidores do Poder*, tal como a relevante análise de Will Wright do gênero de filmes *Wild West* (1967). Isso poderia ilustrar como as complexidades da “política cotidiana” são construídas na ficção, e de que maneira o presidente Bartlett serve como um presidente ideal que é

Além disso, dois conceitos são importantes para a análise da glocalização nesse contexto. O primeiro, a *intertextualidade* refere-se à ligação de todos os textos a outros textos, tanto no passado quanto no presente. Essas ligações podem ser estabelecidas de diferentes maneiras: através da referência contínua a um tópico ou a seus atores principais; através da referência aos mesmos eventos em outros textos; ou através do ressurgimento dos principais argumentos de um texto em outro texto.

O segundo processo é também classificado como *recontextualização*. Ao tomar um argumento, um tópico, um gênero ou uma prática discursiva fora de contexto e ao reafirmá-lo/realizá-lo em um novo, primeiramente observamos um processo de descontextualização e, então, quando o respectivo elemento é utilizado em um novo contexto, temos a *recontextualização* (van LEEUWEN e WODAK, 1999; WODAK, 2000). O elemento, dessa forma, adquire um novo significado, porque, como Wittgenstein (1967) demonstrou, os significados são constituídos em uso. Portanto, os elementos específicos de *Nos Bastidores do Poder*, tais como os valores particulares, os argumentos, os protagonistas e suas funções, ou as importantes práticas sociais que caracterizam a "política cotidiana" na Casa Branca são recontextualizados e, dessa forma, “glocalizados” em algum lugar na forma de um “gênero adequado” (e.g.: na mídia europeia).

capaz de resolver problemas complexos, ao contrário das experiências da vida real, em que as interdependências da política, economia e mídia *inter alia* são muito mais complexas. Claro que, como muitas pesquisas sobre o *Nos Bastidores do Poder* têm mostrado, Bartlett nem sempre conseguiu lidar com os grandes desafios de uma forma bem sucedida. Além disso, os temas, por vezes, continuam ao longo de vários episódios e não estão restritos (como no exemplo analisado neste artigo) a apenas um.

Reisigl e Wodak (2001) definem *topoi* como partes da argumentação que pertencem às premissas obrigatórias de um argumento, explícitas ou tácitas. *Topoi* são as garantias para inferir conteúdos, ou “regras de conclusão” que conectam o argumento ou argumentos à conclusão ou à ideia central. Dessa forma, eles justificam a transição do argumento ou dos argumentos para uma conclusão: *topoi* são, portanto, centrais para a análise de argumentos falaciosos aparentemente convincentes que são amplamente adotados em todos os discursos políticos (KIENPOINTNER, 1996, p. 562). Como eu ilustro abaixo, o conceito de *topoi* pode também ser adequadamente empregado quando se analisa a ficção¹¹.

Reisigl e Wodak (2001) baseiam-se em van Eemeren e Grootendorst (1992) quando fornecem uma lista de falácias comuns que inclui os seguintes esquemas argumentativos frequentemente empregados: argumento *ad baculum* (isto é, *ameaçando com uma vara*), tentando dessa forma intimidar em vez de usar argumentos plausíveis; argumento *ad hominem*, que pode ser definido como ataque verbal a uma personalidade antagônica em vez de discutir o conteúdo de um argumento; e, finalmente, a *falácia da generalização apressada*, que faz generalizações sobre características atribuídas a um grupo sem qualquer evidência. Muitas dessas falácias e *topoi* constituem os intrincados diálogos de *Isaque e Ismael*.

¹¹ Os *topoi* têm sido investigados, até então, em diversos estudos sobre campanhas eleitorais (PELINKA e WODAK, 2002), sobre debates parlamentares (WODAK e van DIJK, 2000), sobre documentos políticos (REISIGL e WODAK, 2000), sobre “vozes de migrantes” (KRZYZANOWSKI e WODAK, 2009), sobre argumentação visual em cartazes eleitorais e slogans (RICHARDSON e WODAK, 2009), e sobre mídia de relatórios (BAKER *et al.*, 2008). Além disso, a maior parte desses estudos são aplicados para justificar e legitimar posições, proporcionando “lugares comuns” em vez de evidências substanciais.

Política da ficção: O episódio de *Isaque e Ismael*

Depois do 11 de setembro

O episódio que foi ao ar após os ataques terroristas ao World Trade Center, em Nova Iorque, e ao Pentágono, em Washington D.C, em 11 de setembro de 2001 - com algum atraso - era diferente de todos os anteriores e posteriores.

O episódio 155, 3ª temporada, intitulado *Isaque e Ismael*, foi transmitido pela primeira vez em 3 de outubro de 2001. Aqui, nós encontramos uma interface entre a ficção e a realidade de forma muito mais explícita do que nos outros episódios que foram diretamente influenciados ou pelos assessores da Casa Branca, o governo Clinton, ou pelas fantasias utópicas e enredos que satisfazem tanto o desejo projetado dos mais sábios e velhos estadistas quanto o de soluções relativamente simples para problemas políticos complexos. O atores comentam os eventos em “vida real”, logo no início do episódio:

Texto 1:

Rob (i.e., Sam Seaborn, assessor): Estamos ansiosos para voltar aos nossos episódios, mas esta noite nós queríamos parar por um momento e fazer algo diferente. (1.0)

Allison (i.e., C.J., secretária de imprensa): Vocês vão reparar algumas coisas diferentes no programa de hoje. Por exemplo, em vez de nossa sequência habitual, nós vamos mostrar números de telefones na tela pelos quais vocês poderão fazer doações a grupos (1.0) que dão assistência às vítimas.

John (i.e., Leo McGarry, assessor chefe): A esta altura, todos já sabem porque eles foram chamados “os melhores de Nova Iorque” e de “os mais valentes de Nova Iorque” (xxx)

Brad (i.e., Josh Lyman, assessor): Não entrem em pânico, estamos num espetáculo e daqui a pouco voltaremos a

cultuar os nossos egos. Mas, hoje, nós apresentamos um episódio chamado *Isaque e Ismael*. Sugerimos que vocês não percam muito tempo tentando descobrir onde este episódio se encaixa na sequência da série. Não se encaixa. (0.3). É um desvio de percurso, se nos permitem. uh

Richard (i.e., Toby Ziegler, assessor):

Na próxima semana, começaremos a nossa 3ª temporada. (xxxx)

Martin (i.e., Presidente Jed Bartlett):

Isso é tudo para nós. Obrigado pela atenção. E que Deus abençoe os Estados Unidos da América.

Surpreendentemente, os atores aparecem aqui com os seus nomes reais, e não com os de seus personagens. Isso é uma resposta imediata (embora quase um mês depois) ao 11 de setembro. O formato de todo o episódio desperta curiosidade, assim como a escolha do título *Isaque e Ismael* que, claramente, faz referência intertextual ao *Velho Testamento* e à história de Abraão. Como os americanos costumam receber uma educação religiosa, pressupõe-se que pelo menos alguns telespectadores a entenderão. Além disso, Brad afirma explicitamente que o episódio diferirá de modo significativo dos habituais, que apenas vagamente se relacionam aos eventos da vida real. Na verdade, o episódio ilustra uma intervenção explícita nas expectativas e nas possíveis interpretações dos espectadores. Em contraste com o restante de *Nos Bastidores do Poder* - em que encontramos roteiros que ilustram as complexidades dos *bastidores políticos*, e o Presidente Bartlett como um político que tenta salvar o mundo dos “vilões” e que também mostra a falibilidade humana e a incapacidade para resolver tudo -, esse episódio apresenta uma *parábola* destinada a fazer as pessoas refletirem sobre as suas crenças e estereótipos a respeito dos muçulmanos e dos “outros” que se tornaram alvo de agressões após o 11 de setembro. Portanto, baseia-se no gênero de

filme educativo e emancipacionista acima mencionado¹².

Como serão ilustrados pela seleção de trechos que faremos abaixo, os papéis dos funcionários da Casa Branca não são tão definidos como nos outros episódios. Eles cometem erros notórios e, aparentemente, abrigam preconceitos semelhantes àqueles que muitos cidadãos americanos acreditam possuir. Algumas questões, entretanto, foram-nos deixadas: quem são os “mocinhos” e os “bandidos” desse episódio? Quais são os valores importantes que são transmitidos ao público em relação à experiência global do 11 de setembro? E, como estes são recontextualizados devido à glocalização?

O contexto imediato

Em *Isaque e Ismael*¹³, a Casa Branca “desmoronou” porque um membro da equipe tinha o nome, Ragim Ali, igual a de um pseudônimo conhecido de pessoa que figurava na lista dos terroristas. Uma violação de segurança deixa um grupo de alunos do ensino médio selecionado para a classe presidencial (um esquema destinado a educar alunos sobre os direitos civis e cidadania) preso no refeitório com Josh, um dos assessores mais importantes do presidente, assim como também com outros membros da equipe. Josh é persuadido a debater sobre a atualidade política com os alunos. O Presidente Bartlett e

¹² Ver, por exemplo, Abramson (2000), e Burnett e Graham (2002) para discussões críticas sobre o impacto democrático do sistema de júri americano.

¹³ Para mais informações, ver: http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Isaac_and_Ishmael&action= http://www.westwingepguide.com/S3/Episodes/45_IAI.html e <http://www.tv.com/the-west-wing/isaac-and-ishmael/episode/77672/summary.html>, todos acessados em 26 de Julho de 2008. Eu transcrevi (de maneira padrão) alguns dos textos do DVD com os episódios, orientando-me simultaneamente pelos *scripts* escritos publicados em Sorkin (2003). O *script* não está inteiramente completo, mesmo na versão televisiva, de modo que a transcrição provou ser necessária.

a Primeira Dama juntam-se à discussão sobre o terrorismo, pena de morte, contra-ataques, resistência etc. Uma das principais questões de que Josh tenta convencer o seu público jovem é a que os terroristas muçulmanos nos fazem lembrar do KKK (Ku Klux Klan), em outras palavras, que não se trata de fieis muçulmanos normais, mas sim extremistas.

Enquanto isso, o principal assessor presidencial, Leo, e um agente especial, Ron, confrontam-se com o que acreditam ser uma ameaça interna em potencial. Ali, membro da equipe, é encontrado em uma pequena sala de espera fumando um cigarro. Leo e Ron acreditam que ele é um terrorista procurado porque “aparenta ser diferente”, porque se parece com um árabe muçulmano. Finalmente, depois de ter sido submetido a um interrogatório muito agressivo e desconfortável, Ali foi, de fato, por engano, considerado suspeito. Na cena final, Leo pede-lhe desculpas.

O desfecho, portanto, implica que: primeiro, nem todos os muçulmanos são terroristas; segundo, deve-se tomar cuidado ao suspeitar de pessoas que “parecem diferentes”; terceiro, todos, tanto os que aparentemente são sábios quanto as pessoas bem informadas como aquelas da equipe da Casa Branca, têm preconceitos e são suscetíveis a falsas crenças; e, quarto, os árabes atualmente têm de lidar com muitas situações desconfortáveis nos EUA. O episódio, portanto, aborda questões tradicionais de racismo e intolerância no contexto sócio-político imediato ao 11 de setembro.

O título do episódio origina-se da história que a Primeira Dama relata no final, um conto clássico de Abraão no livro de *Gênesis* que explica a fonte do conflito entre árabes e os primeiros descendentes judeus que apareceram no mundo. Isso confirma aos telespectadores a função de *parábola* do episódio, da qual eles podem tirar conclusões sobre a situação política do período logo após o 11 de

setembro, quando muitos cidadãos norte-americanos estavam em choque e à procura de culpados.

Dessa forma, temos dois enredos principais paralelos: de um lado, o racional debate educativo com jovens estudantes em que o racismo, a tolerância, o terrorismo, a política e a vingança/castigo são discutidos e os valores liberais enfatizados; e, de outro lado, o enredo que dá um exemplo de preconceito racista e de intolerância que se relaciona, por acaso, com a mensagem principal do ensino de Josh e que, dessa forma, recontextualiza, como *argumentum ad exemplum* (uma figura de retórica típica), um tema que só é tratado de maneira abstrata. Os dois enredos estão interligados para os telespectadores, mas não para os protagonistas do episódio: Josh e o grupo de estudantes não sabem sobre Ali e Leo e as perigosas suspeitas; eles só sabem de um vago e indefinido perigo iminente.

O enredo narrativo

Nesse episódio, o enredo narrativo poderia ser entendido como uma tentativa de lidar com o 11 de setembro, com a ameaça terrorista e com o jeito agressivo das respostas do Presidente George W. Bush de uma forma diferente (ainda que por meio de uma história com função de *parábola*). Desse modo, o enredo é mais complicado do que a maioria dos episódios de *Nos Bastidores do Poder*. Temos um “mocinho” bem definido, Josh, que administra uma situação difícil e ensina aos alunos os verdadeiros valores liberais, e vários outros que exemplificam as confusões moral e política. A esse respeito, é muito significativo que o próprio Presidente Bartlett tenha atuado um papel de pano de fundo, de modo a aparecer brevemente e saindo em seguida. No entanto, ele fornece a avaliação definitiva de “terroristas”.

Leo, nesse ínterim, é exposto como uma pessoa agressiva preconceituosa que erroneamente assume que todos os

muçulmanos são terroristas. Ele, no final de tudo, pede desculpas.

Raqim Ali, que é o primeiro a ser descrito como um terrorista em potencial, torna-se um cidadão democrático e patriota - ainda que esteja em perigo - e lhe é dada a oportunidade de narrar as dificuldades que muitos muçulmanos e “outros” encontram nos EUA e no resto do mundo. Portanto, a estratégia discursiva de “reversão vítima-agressor” é empregada o tempo todo.

Além disso, há nesse episódio um jogo interessante e paradoxal com o conhecimento que contraste com as histórias convencionais da série. Desta vez, os telespectadores não sabem quem são os “mocinhos” e os “bandidos”, embora muitos indicadores desencadeiem pressuposições de que Leo esteja interrogando a pessoa errada. Por outro lado, Josh sabe os valores corretos e, de uma forma abstrata, o caminho certo que Leo deveria ter escolhido. Mas Josh não faz parte do segundo enredo.

Dessa forma, fica evidente que estamos lidando com um “saber abstrato” sobre ética e valores; com eventos concretos nos quais esse conhecimento é inexistente (um “déficit de conhecimento”); e, finalmente, com preconceito, que é “um saber presumido” que compreende modelos de contexto e de evento sobre os outros que são “maus”.

Além disso, no desfecho desse jogo complexo com o(s) saber(es) e com a óbvia intenção de ensinar ao público os valores corretos, o saber assumido (preconceito) é finalmente provado ser um erro, adquirindo, assim, *status* de falso conhecimento.

Em suma, pode-se afirmar que o episódio é um exemplo perfeito de transferência de saber e de educação antirracista emancipativa.

Os bons valores americanos

Durante o debate com os estudantes, a seguinte conversa surge:

Texto 2:

Garota 3: Então, por que todo mundo está tentando nos matar?

Josh: Não é todo mundo. (0.2)

Garota 3: Parece que são todos.

Garoto 3: São só os árabes.

Garoto 2: Dizer “os árabes” é uh...generalizar. (xxx)

Josh: (1.0) Ok, esperem, esperem, esperem, uh uh. Isso é crucial, é muito importante (1.0). Não são os árabes, nem os islâmicos. [Para Donna]: Eles são ah ah alunos dos 2º. e 3º. anos do ensino médio?

Donna: Sim.

Josh: Vocês são alunos dos 2º. e 3º. anos do ensino médio. Em honra aos exames que vocês estão prestes a fazer, respondam a seguinte pergunta: O extremista islâmico está para o Islamismo como o “x” está para o Cristianismo? O extremista islâmico está para o Islamismo como o “x” está para o Cristianismo?

Garoto 3: O cristão fundamentalista.

Josh: Não. (1.0)

Garoto 4: Testemunhas de Jeová?

Josh: Não, pessoal. A direita cristã talvez não seja o forte de vocês, mas eles não explodem as coisas. Uh. O extremista islâmico está para o Islamismo, como o “x” está para o Cristianismo?
[E então Josh escreve a resposta no quadro negro: KKK]

Josh: É sobre isso que eu estou falando. Esse é o Klan, numa versão medieval e globalizada. Não tem nada a ver com homens de fé islâmica (xxx) que existem aos milhões. Muçulmanos defendem este país no Exército, na Marinha, na Força Aérea, Guarda Marinha, Guarda Nacional, Polícia e Bombeiros. Então, ah ah, vamos fazer essa pergunta novamente. [Para a Garota 2]

Garota 2: Por que os extremistas islâmicos estão lutando contra nós?

Josh: É uma pergunta sensata, se é que eu já ouvi uma. Por que somos alvo de guerra?

Garoto 3: Porque nós somos ah (0.1) americanos.

Josh: É só isso?

Garota 4: É a nossa liberdade. (1.0)

Josh: Nenhuma outra razão?

Garoto 4: Liberdade e democracia.

Josh: Eu vou dizer a vocês, certos ou errados, e eu acredito que eles estão errados: é bom saber que eles têm queixas específicas (xxx)

Esse tipo de diálogo didático é igual ao dos *12 Homens e uma Sentença* e a outros dramas “liberais” mencionados acima¹⁴ sobre a vida política norte-americana. Nesse breve diálogo, Josh ensina os jovens a evitarem as generalizações (e.g., a falácia da generalização apressada) que conduzem a observações preconceituosas, e a darem maior foco às questões específicas, para as quais é possível haver respostas claras. A primeira pergunta típica (muito comum) é formulada com uma divisão maniqueísta entre *bons* e *maus* (pessoas/nações/grupos) na forma de “falácia do espantalho” (“Por que todos estão tentando nos matar?”), que pressupõe que todo mundo está realmente tentando matar o grupo genérico “nos”. É um desafio que protesta a generalização de determinadas pessoas ou grupos a “todo mundo”.

Isso leva a uma discussão que emprega o “*topos* de definição”: quem está, assim, tentando matar os cidadãos norte-americanos? Várias respostas, que constroem os vários grupos dos “outros” (“os árabes”, “os islâmicos” e assim por diante), são oferecidas, e todas pressupõem, de fato, que todos os muçulmanos estão tentando matar todos os

¹⁴ Cito aqui uma breve sequência de *12 Angry Men* (*Doze Homens e uma Sentença*) para ilustrar a similaridade do modo didático empregado por Josh. Nove jurados estão tentado convencer outros 3 de que eles são preconceituosos, em uma famosa parte de diálogo citada com frequência: “É sempre difícil manter o preconceito fora de uma coisa assim. E em todo lugar você se depara com isso, o preconceito sempre esconde a verdade. Eu realmente não sei qual é a verdade. Eu suponho que alguém nunca vai realmente saber. Agora, nove de nós parecem acreditar que o réu é inocente, mas nós estamos apenas jogando com probabilidades; nós podemos estar errados. Podemos estar tentando deixar um homem culpado ficar livre, não sei. Ninguém realmente pode. Mas temos uma dúvida plausível, e isso é algo muito valioso em nosso sistema. Nenhum júri pode declarar um homem culpado a menos que esteja certo. Nós, os 9, não entendemos como vocês três ainda estão tão certos. Talvez vocês possam nos dizer” (Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0050083/quotes>. Acessado em: 8 de Julho de 2009).

americanos. Mais uma vez, Josh intervém enfatizando que essas nomeações estão erradas e apresentando uma outra questão formulada como uma analogia matemática, na forma de pergunta-teste (“*topos* de comparação”): - *O extremista islâmico está para o Islamismo como o “x” está para o Cristianismo?* Esse movimento retórico sugere, em primeiro lugar, que há “bandidos” no grupo de cristãos e, em segundo lugar, na sociedade americana também. Com esse movimento argumentativo, Josh transmite a mensagem de que a especificidade é necessária.

Surgem ainda mais suposições que apontam, por meio de subentendidos, atributos negativos a outros grupos de fora, até mesmo o desejo “de matar todo mundo”. Josh responde redefinindo o Direito Cristão e, mantendo um modo didático, fornece, finalmente, a resposta “correta”: a Ku Klux Klan, que ele define de maneira interessante como medieval e, por meio de outro *topos* de comparação, como global. Medieval, porque eles são racistas e violentos; global, porque são semelhantes aos “terroristas” que, como Josh sugere, formam um enorme grupo em todo o país e, talvez, para além das fronteiras dos EUA.

Isso também poderia, é claro, ser interpretado como uma falácia da generalização apressada, visto que, quando o episódio foi ao ar, pouco estava estabelecido como verdade factual a respeito dos terroristas. Uma segunda leitura pode significar que, enquanto o KKK é definido como “medieval”, os terroristas, além de serem fundamentalistas, também estão agindo numa escala global. É impossível decidir qual leitura seria a correta nessa fase e, evidentemente, pode haver outras ainda mais interessantes. No entanto, a segunda faz mais sentido no contexto do diálogo.

O próximo passo de Josh consiste em fornecer evidências para essa afirmação argumentativa. Ele caracteriza a maioria dos muçulmanos (homens islâmicos) como bons

cidadãos democráticos e patriotas (*topos* da definição). Depois de ter conduzido o público jovem por meio dessa cadeia argumentativa, Josh repete a primeira questão, para a qual ele, agora, dá a resposta “correta”.

Isso, no entanto, não é o fim dessa “unidade de ensino”: Josh gostaria de saber “por que somos alvos de guerra?”. Isso leva a mais respostas ainda mais generalizadas e simplificadas, e a falácias da generalização apressada: “Porque somos americanos” e “É a nossa liberdade”, o que pressupõe que todos os americanos são alvos de terrorismo - porque se apoiam na vaga e indefinida noção de liberdade - e também que “liberdade” seria uma característica exclusiva atribuída aos norte-americanos (algo que, possivelmente, poderia indispor os telespectadores europeus, mas que somente uma análise em profundidade da recepção seria capaz de provar). Mais uma vez, Josh desafia essas respostas generalizadas e pede razões mais específicas, que ele mesmo oferece na forma de um argumento complexo (“sim, mas”); existem, obviamente, razões válidas para um descontentamento generalizado no Oriente Médio, e assim por diante. No entanto, Josh mantém que essas razões não são suficientes para querer matar. Em suma, a sequência ilustra como esse episódio, em particular, de *Nos Bastidores do Poder* desafia atuais crenças preconceituosas generalizadas e oferece outras respostas factuais mais específicas, com algumas evidências apropriadas. O principal ponto a ser lembrado parece ser: “evitar generalizações” e atribuições generalizadamente negativas para grupos genéricos!

Durante o episódio, mais discussões surgem sobre o terrorismo e suas funções, diferentes eventos terroristas do passado (na Rússia, Índia, Israel, Irlanda) etc. De repente, o presidente Bartlett aparece com a Primeira Dama, Abbey, e é rapidamente informado

sobre o debate, mas não quer participar. Ele deixa a sala com a seguinte declaração:

Texto 3:

Um mártir preferiria morrer pelas mãos de um opressor a renunciar as suas crenças. Suicidar-se e matar pessoas inocentes para provar algo é doentio, deturpador; é um assassinato brutal, estúpido e imbecil. Uh uh E deixo vocês com esse pensamento antes de eu ir buscar as maçãs que eram minhas por direito. (0.2). Não precisamos de mártires nesse momento. Precisamos de heróis. Um herói morreria por seu país, mas preferiria viver por ele. Foi um prazer conhecê-los.

Deixando o grupo com uma clara definição daquilo que conta como bom ou mal e, dessa forma, proporcionando uma nova divisão maniqueísta em pessoas do bem e do mal, o presidente, pelo *topos* de autoridade, faz uma importante observação: constrói um contraste (“equivocado”) entre mártires e heróis. Isso implica que alguns erroneamente afirmam ser mártires (eles, então, declaram que estão se sacrificando pelo bem de seu país); na verdade, são, em vez disso, perversos, e mesmo “doentios”. Isso quer dizer que eles não agem de forma justificável, racional ou responsável. Dessa forma, o presidente constrói diferentes grupos: mártires reais (por exemplo, os bombeiros e as vítimas do 11 de setembro, conforme os referentes pressupostos e implícitos), “falsos mártires” e heróis (que também podem ser “mártires reais”). Os heróis, entretanto, são racionais. Eles certamente morreriam por seu país - mas esse não é o seu objetivo final - e, é claro, não matariam “pessoas inocentes”. Essa nova definição, a longo prazo, poderia implicar e ecoar com legitimação e justificação para os americanos que defendem o seu país quando há guerra (por exemplo, no Afeganistão). Além disso, podemos questionar a autoridade dessas definições: Quem determina o que é verdadeiro ou falso em contextos específicos? Na verdade, não há critérios explicitamente dados. Por meio dessa afirmação, Bartlett encerra toda a discussão, não deixa mais espaço para outras perguntas e reforça ainda mais a sua identidade característica de político

sábio e racional e, portanto, de líder carismático¹⁵.

Confrontando o racismo

Um segundo subenredo interage com a discussão acima. Ali foi para um quarto escuro para acender um cigarro. De repente, sete militares do serviço secreto chutam a porta e entram com as suas armas em punho. Ali está com medo e agitado. Butterfield grita: - Fique calmo. Eu sou o agente especial Ron Butterfield do serviço secreto dos EUA. Fique com as mãos para cima e afaste-se da janela, nós vamos lhe fazer algumas perguntas.

Essa abertura define o quadro para um pré-julgamento. Leo se junta e começa o interrogatório passando pelo histórico profissional de Ali, seu passado, a história de seu pai etc., sem lhe contar do que ele está sendo suspeito. Finalmente, Ali pergunta: - Por que vocês estão olhando para mim?, Leo não responde. Essa importante pergunta prova por que razão Ali, mais tarde, faz uma segunda tentativa para tentar descobrir do que está sendo acusado, ao empregar - evasivo e mais calmo - um *topos* de ameaça: - Sr. McGarry, entendo uh uh a necessidade dessas perguntas e espero que você tenha percebido que estou (0.1) cooperando, mas se você envolver o meu pai nessa situação vergonhosa, receio que vou ficar zangado. Presumivelmente, esse tipo de interrogatório se destina a assustar Ali e fazê-lo falar, porque o verdadeiro pressuposto está evidente: Ali é culpado e está escondendo informações. Entretanto, Ali desafia Leo e responde: - Eu não acho que você saiba o que está acontecendo. Essa resposta implica que Ali sabe algo que Leo não sabe e que Ali infere que ele está certo e que Leo está errado. Portanto, Ali resiste e desafia Leo e suas crenças preconceituosas.

¹⁵ Ver Wodak (2009a, b) para mais detalhes sobre a construção do Presidente Bartlett como herói, político e carismático.

O interrogatório culmina na sequência a seguir:

Texto 4:

- Ali: Não é incomum os árabes-americanos serem uh uh os primeiros suspeitos quando esse tipo de coisa [ameaça terrorista] acontece.
- Leo: Não consigo imaginar por quê.
- Ali: Ouça...
- Leo: Não! Estou tentando entender por que toda vez que há um ato terrorista as pessoas acham que são os árabes. Estou quebrando a cabeça. (xxx)
- Ali: Não sei a resposta, Sr. McGarry, mas eu posso lhe dizer que é horrível.
- Leo: Bem, é o preço que você paga.
- Ali: Como?
- [Leo desvia o olhar. Há um longo silêncio. 1.0]
- Ali: Preço que pago pelo quê?
- Leo: Continue as questões. [olhando para os agentes]
- Ali: O preço que pago pelo quê?

Nessa sequência, Leo está usando ironia e sarcasmo ao responder (e, deliberadamente, ao não responder) as perguntas de Ali. Este está tentando transmitir a experiência comum dos árabes-americanos, pois quando surgem ameaças terroristas, eles geralmente estão entre os primeiros suspeitos. Leo acusa Ali ao *transferir-lhe a culpa* (e para os árabes-americanos - uma falácia típica). Esse fenômeno está relacionado, acredita ele, aos fatos de eles serem árabes e de parecerem “diferentes”. Este último ponto é inferido, já que Leo não o diz explicitamente (falácia de generalização apressada).

A evidência para essa pressuposição é dada mais tarde: após Ali ter provado a sua inocência, Leo volta à mesa de Ali e responde à pergunta que foi deixada sem resposta:

Texto 5:

- Leo: Esse é o preço que você paga por ter a mesma fisionomia dos ah ah criminosos, é o que eu ia dizer
- Ali: Você está de brincadeira...
- Leo: Sinto muito pelo que (...) uh uh Eu acho que se você conversar com as pessoas que me conhecem, elas lhe dirão que eu não sou assim.

[Ali não diz nada]

- Leo: Então, nós estamos obviamente sob uma pressão bem maior do que a habitual...
[Ali se mantém em silêncio]
- Leo: Ok, está bem. Isso é tudo...
Agiu muito bem ao voltar à sua mesa.
[O episódio termina]

Leo admite ter agido baseado no preconceito de que todo mundo que se parece com um árabe é perigoso. Ao mesmo tempo, tenta justificar-se minimizando as suas ações e a sua falsa acusação, alegando que está fora de si, e usando o choque generalizado e a pressão após o 11 de setembro como desculpas (assim, emprega o *topos* da *verecundiam*, referindo-se ao seu *status* e autoridade, e o *topos* da história, ao se referir às experiências anteriores das pessoas).

Ali não permite que Leo escape. Ele se mantém em silêncio, o que é típico em tais situações, e força Leo a continuar a sua defesa; ele realmente não quis dizer aquilo que disse e, por isso, transfere a culpa para o contexto imediato (WODAK, 2008b, c), quando, então, muda de estilo (e de *frame*) para um tom mais acadêmico. Ali, no entanto, permanece em silêncio e não perdoa Leo de modo explícito. O público fica com a nítida mensagem de que Leo cometeu um terrível engano e que o seu comportamento preconceituoso é um exemplo de generalizações (falácia apressada) que devem ser evitadas, como Josh enfatizou no subenredo.

Em suma, os telespectadores são deixados com mensagens contraditórias, nas quais Ali e Josh surgem como vítimas e heróis, respectivamente. Evidentemente, não há nenhuma maneira de avaliar plenamente o impacto desse episódio, embora possamos colher algumas ideias de alguns comentários em sites. Por exemplo, em *dvdverdict.com*¹⁶ há uma série de reações a esse episódio,

¹⁶ Disponível em: <http://www.dvdverdict.com/reviews/westwingseason3.php> (acesso em 15 de agosto de 2009).

afirmando que foi "rápido", "muito bem-intencionado", que "o público não [estava] pronto" etc., do que podemos deduzir que ele não era o tipo de “entretenimento” que os telespectadores da série estavam acostumados. No entanto, ao considerar os objetivos dos criadores do programa, é importante lembrar que esse é o único episódio da série em que um evento mundial, real e importante é tratado (ver RIEGERT, 2007, p. 216). A consequência disso, eu diria, é fazer os EUA parecerem (pela primeira vez) uma pequena peça de uma grande roda.

A implantação de um gênero híbrido (como discutido acima) com o foco na resposta e na reação ao 11 de setembro, apresentado de modo manifestadamente didático, sugere que os diretores estavam pensando “glocalmente”. Supõe-se que o preconceito racial transcende a história e a cultura, e pode aparecer em qualquer lugar, como sugerem vastas pesquisas sobre as múltiplas formas de racismo cotidiano (DELANTY *et al.*, 2008).

Conclusões

Em 22 de dezembro de 2008, a revista semanal austríaca liberal de esquerda *Profil* alegou que os políticos estão ganhando prestígio e poder (“Obama und Co.: Werden Sie uns Retten?”, 2008, p. 108-9) devido à perda de poder do mercado global durante o chamado “credit crunch” (crise de crédito). Os políticos estão, dessa forma, incumbidos novamente de tomar decisões importantes e difíceis, enquanto controlam e regulam (mesmo nacionalizando) o mercado.

Além disso, a *Profil* afirma que esta é uma época em que determinados tipos de políticos bem sucedidos florescerão: aqueles que forem carismáticos, energéticos e ganharem *status* de celebridade (como Nicolas Sarkozy na França ou Barack Obama nos EUA), de sábio (financeiro), ou de especialista (como Gordon Brown no Reino Unido). Assim, o retorno da política ativa (e não apenas simbólica)

(EDELMAN, 1967; GOFFMAN, 1959) pode marcar o início de uma nova era. Na verdade, é nítido que certos políticos criaram sua própria *marca* e estão promovendo-a por meio das mídias nova e tradicional:

[A] diplomacia tradicional de outrora está desaparecendo. Para no futuro fazerem bem os seus trabalhos, os políticos deverão se instruir em *brand asset management*¹⁷. Suas tarefas incluirão encontrar um nicho de mercado para os seus bens, engajando-se no marketing competitivo, garantindo a satisfação do cliente e, acima de tudo, criando fidelidade à marca (van HAM, 2001, p. 251).

Concorrendo às eleições dos Estados Unidos de 4 de novembro de 2008, a revista semanal de esquerda vienense *Der Falter* entrevistou Martin Sheen que interpreta o presidente Jed Bartlett em *Nos Bastidores do Poder* e é conhecido por ter sido um político ativista progressista por anos. Em um segundo comentário dessa mesma revista, um jornalista fez uma analogia entre a campanha de Barack Obama para a presidência e a série *Nos Bastidores do Poder*. Bartlett é descrito como uma espécie de “presidente super ideal” (idealer Überpräsident) e contrastado com o ex-presidente George W. Bush. Na verdade, o comentário cita também *Isaque e Ismael* que transmitiu exemplarmente uma forte mensagem moral de tolerância e respeito pelos outros, ilustrando a recontextualização dos valores liberais americanos incorporados no episódio e fornecidos pelo modelo do presidente Bartlett. Assim, o autor pressupõe que o forte apoio do eleitorado liberal a Barack Obama pode ter sido resultado de um desejo geral de que esse homem fosse semelhante ao presidente fictício Bartlett.

No *Guardian* (5 de julho de 2009), uma longa notícia descreve as opiniões do líder

¹⁷ NT: Gestão de ativos de imagem.

*Tory*¹⁸ David Cameron, sobre como o seu possível papel de Primeiro-Ministro poderia fazer o Partido Trabalhista perder a próxima eleição. Faço aqui essa citação, com alguns detalhes, para ilustrar como muitos aspectos da série de TV são recontextualizados no contexto britânico, e como a série *Nos Bastidores do Poder* serve de marca de conhecimento global e de modelo contextual para o "político ideal" e para a "política cotidiana":

Agora são os *Tories*¹⁹ que sonham substituir Downing Street com a Avenida Pennsylvania²⁰. Várias manchetes têm falado do *Nos Bastidores do Poder* de David Cameron. Quando eu recentemente visitei o corredor dos escritórios ocupados pelo líder *Tory* e sua equipe sênior, eles pareciam exatamente iguais como na semana anterior: um conjunto de salas sem *glamour* com móveis do *club-land*, situado em um insignificante bloco de escritórios nos limites da propriedade parlamentar, centenas de milhas distante de Potomac²¹. Na ocasião, membros do *shadow cabinet*²² e de sua equipe estavam correndo de um lado para outro por causa de uma tensão provocada por um dos maiores escândalos de gastos.

Quando o editor político da *Spectator*²³ visitou o mesmo corredor, ele se achou transportado através do Atlântico: “Visitar o Norman Shaw South é ver uma máquina política estrondosamente linda”, escreve Fraser Nelson na mais recente edição da revista. “Parece a versão britânica de *Os Bastidores do Poder*: os principais agentes entrando e saindo de suas salas e tendo 45

segundos de reuniões improvisadas no corredor.

Na mesma linha, uma notícia no *Friday's Independent* fala sobre "um elenco de conselheiros, estrategistas, especialistas em política e homens de relações públicas que não se encaixariam andando pelos corredores do presidente Bartlett do *Nos Bastidores do Poder*".

No mesmo dia, o *Guardian* previu que “*Os Bastidores do Poder* seria feito no Downing Street” assim que o Sr. Cameron se mudasse para lá. O que o *Spectator*, o *Independent* e o *Guardian* refletem com precisão são as ambições de Cameron por si mesmas. Esses relatos resultam de pesquisa realizada pela *Conservative Intelligence*, um novo grupo criado por Tim Montgomerie, fundador do *Conservative Home*. Sua reportagem é leitura essencial para quem quer entender a rede de poder no partido *Tory* de Cameron. Ela ainda vem com um prático cartaz intitulado - isso, você deve ter adivinhado – “*Os Bastidores do Poder* de David Cameron”²⁴.

É notável que essa série popular dramática americana seja citada com tanta frequência na mídia europeia²⁵. Os jornalistas inspiram-se em valores específicos e em modelos contextuais (van DIJK, 2008) construídos e representados, assim, por generalizações globais - um exemplo típico de *glocalização*: por um lado, os valores específicos liberais são recontextualizados; por outro, protagonistas

¹⁸ NT: *Tory*: antigo partido de tendência conservadora do Reino Unido.

¹⁹ NT: *Tories*, de *Tory*, referência aos conservadores.

²⁰ NT: Downing Street, 10: endereço do escritório oficial do Primeiro-Ministro em Londres. *Pennsylvania Avenue, 1600*: endereço da Casa Branca.

²¹ NT: Rio que banha Washington, D.C.

²² NT: Grupo de líderes de uma oposição parlamentar que constitui a provável formação do gabinete quando o seu partido retornar ao poder.

²³ NT: Revista inglesa.

²⁴ Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2009/jul/05/avid-cameron-west-wing> (acesso em 8 de julho de 2009).

²⁵ No *Independent Extra* (30 de janeiro de 2008), Richard Schiff, um ator americano bem conhecido por retratar Toby (um dos principais conselheiros do presidente em *Nos bastidores do Poder*), descreve como ele decidiu se envolver na campanha eleitoral (*caucus*) a favor do senador dos EUA Joe Biden, em dezembro de 2007 em Iowa.

NT.: Nos Estados Unidos, designa-se por *caucus* o sistema de eleger delegados em dois Estados (Iowa e Nevada), durante a etapa das eleições primárias para concorrer à presidência.

específicos servem de modelo (homens de relações públicas, conselheiros, presidente) para políticos “reais”. As rotinas (práticas discursivas e materiais) de “políticas cotidianas” na Casa Branca são convenientemente transferidas para outros contextos nacionais.

Aqui, cito a definição de Mitsikopolou de *glocalização* (2009, p. 1):

O estudo da negociação entre o global e o local envolve, entre outros aspectos, olhar para os efeitos das tendências de globalização em contextos locais (e.g.: tensões e conflitos nas práticas discursivas), para a apropriação dos discursos globais, estratégias e técnicas; para a recontextualização dos discursos globais e a emergência de novas práticas discursivas; para a legitimação das práticas no processo da localização tanto do global quanto da “globalização do local”.

Na transmissão de *Nos Bastidores do Poder* pelo mundo afora, encontramos tanto a *recontextualização* quanto as *estratégias de colonização* dos valores específicos relacionados à política norte-americana, aos políticos e suas práticas de *marketing* pessoal.

Van Zoonen (2005, p. 112) afirma que a série une noções tais como “racionalidade, progresso e destino” com a ênfase em relacionamentos, emoções, sensação e falibilidade. Em suma, todos esses componentes estão “integrados a um quadro coerente e persuasivo da ‘melhor possível’ prática política”. Riegert (2007, p. 220–1), entretanto, sustenta que as mensagens transmitidas por *Nos Bastidores do Poder* não são realistas e, portanto, minam a política progressista que os personagens representam. Acredito que ambas as opiniões e avaliações estão certas em alguns aspectos e que não há necessidade de escolher entre uma ou outra interpretação. No entanto, gostaria também de afirmar que há mais significados importantes inerentes ao *Nos Bastidores do Poder* além da mensagem educativa específica veiculada em

Isaque e Ismael. Essa série popular dramática parece preencher o desejo de muitos telespectadores americanos por uma política melhor e diferente, em contraste com a do anterior governo Bush. Ao mesmo tempo, muitas contradições tornam-se aparentes entre os bons ideais e valores e o “caos” diário e compromisso. Precisamente o que Riegert (2007) define como “caos” é (após o meu extenso trabalho etnográfico no Parlamento Europeu [Wodak, 2009a]) a parte integrante da “política cotidiana”.

Na série, a política se torna gerenciável no tempo e no espaço e pode ser dividida em sequências temporais e em unidades/episódios, como projetos que continuam a ser geridos em meio a ansiedade, pânico, perigo, desastre iminente, intriga, doença, casos de amor ou de outros temas e enredos típicos. Os problemas são frequentemente resolvidos e sempre há uma moral/ conclusão para a história.

No episódio que analisamos, bons valores triunfam, enquanto a pesquisa empírica sobre a vida cotidiana dos políticos demonstra que suas vidas não são organizadas em histórias com começos e fins definidos, em unidades e enredos isolados. Elas são, por um lado, muito agitadas, cheias de rotina e também, por outro lado, cheias de decisões e de assuntos urgentes. Relatórios, compromissos e assuntos continuam; parece não haver ordem temporal explícita a respeito de quando e como os compromissos são finalizados e implementados. Muitos e diversos compromissos são realizados ao mesmo tempo e obstáculos podem ocorrer a qualquer momento.

A *ficcionalização da política* serve, entretanto, a várias funções: cria um mundo que ainda é controlável por meio de rotinas tradicionais da política, por meio da diplomacia, conferências de imprensa, discursos e negociações; um mundo onde os bons valores (americanos) vencem (como definido pela série e representado por Bartlett

e sua equipe); um mundo onde objetivos educacionais são transmitidos por meio da mídia na esperança de que o auditório possa ser socializado por esses bons valores e por meio da valorização da política. Além disso, no episódio em questão, nos deparamos com a rejeição explícita de crenças e estereótipos racistas que surgiram *globalmente* após o 11 de setembro. Dessa forma, um mito é criado, possivelmente em contraste com as experiências políticas reais do público, baseadas em esquemas cognitivos e emocionais, que têm uma longa tradição nos EUA no gênero de filmes emancipativos específicos, e também no gênero do Ocidente, como ilustrado em outro lugar (WODAK, 2009a, b). Como *Nos Bastidores do Poder* está traduzido e divulgado em todo o mundo, o mito é recontextualizado em outros países e em outras culturas. Há, portanto, um exemplo típico de *glocalização*²⁶.

Obviamente, o desejo por políticos carismáticos, que sabem o que é certo e errado, tem penetrado auditórios por todo o mundo e, dessa forma, influenciado imagens, crenças e opiniões sobre a política em grande escala – local, regional, nacionalmente e mais além – enquanto os transforma em contexto-dependente necessário à forma dialética (AMIN, 1997; WODAK e FAIRCLOUGH, 2009). O impacto glocal de *Nos Bastidores do Poder* torna-se ainda mais evidente se considerarmos que não só os valores americanos são globalmente recontextualizados mas também os antigos temas religiosos e suas estruturas, como as parábolas, também são recontextualizados globalmente (e nos Estados Unidos).

A análise detalhada de um episódio por meio da AHD expõe a hibridização dos gêneros em *Nos Bastidores do Poder*, assim como os valores e normas específicos transmitidos por meio de recursos retóricos e argumentativos significa, em particular, o modo didático-dialógico tradicional usado para “ensinar o público”; os valores de antirracismo da direita liberal são baseados e recontextualizados nessa série popular dramática. Assim, esses valores estão, um passo a frente, recontextualizados em todo o mundo. Portanto, abordagens de estudos discursivos podem ser utilmente aplicadas à análise de textos ficcionais. A atual confusão de fronteiras entre política, mídia e ficção torna aparente a imagem e a característica da *glocalização*.

Agradecimentos da autora

Gostaria de agradecer aos revisores anônimos e ao meu co-editor Lynne Pearce por seus comentários construtivos e importantes. Sou, naturalmente, a única responsável pela versão final.

Referências

ABRAMSON, J. **We the Jury: The Jury System and the Ideal of Democracy**. Boston, MA: Harvard University Press, 2000.

AMIN, A. Placing Globalisation. *Theory, Culture & Society*, n. 14, p. 123-137, 1997.

BAKER, P.; GABRIELATOS, C.; KHOSRAVINIK, M.; KRYZANOWSKI, M.; McENERY, T.; WODAK, R. A Useful Methodological Synergy? Combining Critical Discourse Analysis and Corpus Linguistics to Examine Discourses of Refugees and Asylum Seekers in the UK Press. *Discourse & Society*, n. 19, v.3, p. 273–306, 2008.

BAMBERG, M. (ed.) **Narrative: State of the Art**. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

²⁶ Ver dicionários criados especificamente para gerar uma tradução automática de *The West Wing* para o alemão: <http://www.dict.cc/english-german/west+wing.html> ou para o russo: [http://www.babylon.com/definition/Access%20\(The%20West%20Wing\)/Russian](http://www.babylon.com/definition/Access%20(The%20West%20Wing)/Russian) (acessados em 30 de julho de 2008).

- BARTHES, R. **Mythologie**. Paris: Edition du Seuil, 1957.
- BORDWELL, D. and THOMPSON, K. **Film Art: An Introduction**. 7th ed. Boston, MA: McGraw-Hill, 2004.
- BURNETT, D. and GRAHAM, A. **A Trial by Jury**. New York: Vintage, 2002.
- CHALLEN, P. **Inside The West Wing: An Unauthorized Look at Television’s Smartest Show**. Toronto: ECW Press, 2001.
- CORNER, J. and PELS, D. (eds). **Media and the Restyling of Politics**. London: Sage, 2003.
- CRAWLEY, M. **Mr Sorkin Goes to Washington: Shaping the President on Television’s The West Wing**. Jefferson, NC: McFarland and Co., 2006.
- DELANTY, G.; DELANTY, G.; WODAK, R. and JONES, P. (eds). **Migration, Identity, and Belonging**. Liverpool: Liverpool University Press, 2008.
- EDELMAN, M. **The Symbolic Uses of Politics** (2nd edn). Urbana: University of Illinois Press, 1967.
- GOFFMAN, E. **The Presentation of Self in Everyday Life**. Garden City, NY: Doubleday, Anchor Books, 1959.
- HAY, C. **Why We Hate Politics** (Polity Short Introductions). Cambridge: Polity Press, 2007.
- HOLLY, W. (2008) Tabloidization of Political Communication in the Public Sphere. In: WODAK, R. and KOLLER, V. (eds) **Communication in the Public Sphere: Handbook of Applied Linguistics** (Vol. IV). Berlin: de Gruyter, 2008. pp. 317–42
- KIENPOINTNER, M. **Vernünftig Argumentieren: Regeln und Techniken der Diskussion**. Hamburg: Rowohlt, 1996.
- KRZYŻANOWSKI, M. and WODAK, R. **The Politics of Exclusion: Debating Migration in Austria**. New Brunswick, NJ: Transaction, 2009.
- LYNCH, J. and MCGOLDRICK, A. **Peace Journalism**. Hawthorn House, Gloucestershire: Hawthorn Press, 2005.
- MARSHALL, P.D. **Celebrity and Power: Fame in Contemporary Culture**. 5th ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.
- MITSIKOPOLOU, B. Introduction: Branding Political Entities and Discursive Practices. In: **Journal of Language and Politics**, n. 7, v. 3, p.1-17, 2009.
- OBERHUBER, F.; BARENREUTER, C.; KRZYŻANOWSKI, M.; SCHONBAUER, H.; WODAK, R. Debating the Constitution: On the Representations of Europe/the EU in the Press. **Journal of Language and Politics** n. 4, v. 2, p. 227-271, 2005.
- O’CONNOR, J.E. and ROLLINS, P.C. Introduction. In: O’CONNOR, J.E.; ROLLINS, P.C. (eds). **The West Wing: The American Presidency as Television Drama**. Syracuse: Syracuse University Press, 2003. p. 1-16.
- PARRY-GILES, T. and PARRY-GILES, S. **The Prime-time Presidency: The West Wing and US Nationalism**. Chicago: University of Illinois Press, 2006.
- PELINKA, A. and WODAK, R. (eds). **Dreck am Stecken**. In: **Politik der Ausgrenzung**. Vienna: Czernin, 2002.
- PELS, D. Aesthetic Representation and Political Style: Re-balancing Identity and Difference in Media Democracy. In: CORNER, J.; PELS, D. (eds). **Media and the Restyling of Politics**. London: Sage, 2003. p. 41-66.
- REISIGL, M. and WODAK, R. **Discourse and Discrimination**. London: Routledge, 2001.
- _____. The Discourse-historical Approach in CDA. In: R. Wodak and M. Meyer (eds). **Methods of Critical Discourse Analysis**. 2nd ed. London: Sage, 2009. p. 87-121.
- RICHARDSON, J.; WODAK, R. The Impact of Visual Racism: Visual Arguments in Political Leaflets of Austrian and British Far-right Parties. In: **Controversies** (in press), 2009.
- RICHARDSON, K. The Dark Arts of Good People: How Popular Culture Negotiates “Spin”. NBC’s The

West Wing’, *Journal of Sociolinguistics*, n. 10, p. 52-69, 2006.

RIEGERT, K. The Ideology of *The West Wing*: The Television Show that Wants to Be Real. In: RIEGERT, K. (eds). **Politainment: Television’s Take on the Real**. Bern: Peter Lang, 2007. p. 213-236.

ROLLINS, P.C. and O’CONNOR, J.E. (eds). *The West Wing: The American Presidency as Television Drama*. Syracuse: Syracuse University Press, 2003.

SCHIFF, R. From *The West Wing* to the Campaign Trail. **Independent Extra**. p. 2-4, 30 jan 2008.

SORKIN, A. **The West Wing**: Seasons 3 and 4 - The Shooting Scripts. New York: New Market Press, 2003.

STREET, J. **Mass Media, Politics, and Democracy**. Basingstoke: Palgrave, 2001.

TRIANDAFYLLIDOU, A.; WODAK, R. e KRZYŻANOWSKI, M. (eds). **European Media and the European Public Sphere**. Basingstoke: Palgrave, 2009.

van DIJK, T.A. **Discourse and Social Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

van EEMEREN, F.; GROOTENDORST, R. **Argumentation, Communication and Fallacies**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1992.

van HAM, P. The Rise of the Brand State. **Foreign Affairs**. p. 249-269, sept/oct. 2001.

van LEEUWEN, T.; WODAK, R. Legitimizing Immigration Control: A Discourse-historical Analysis. **Discourse Studies**. n. 1, v. 1, p. 83-118, 1999.

van ZOONEN, L. **Entertaining the Citizen: When Politics and Popular Culture Converge**. New York: Rowman & Littlefield, 2005.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophische Untersuchungen**. Frankfurt: Suhrkamp, 1967.

WODAK, R. From Conflict to Consensus? The Co-construction of a Policy Paper. In: MUNTIGL, P.; WEISS, G.; WODAK, R. (eds). **European Union**

Discourses on Unemployment. Amsterdam: Benjamins, 2000. p. 73-114.

_____. The Discourse-historical Approach. In: WODAK, R. and MEYER, M. Meyer (eds). **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: Sage, 2001. p. 63-94

_____. Introduction: Images in/and News in a Globalised World. In: LASSEN, I.; STRUNCK, J.; VESTERGAARD, T. (eds). **Mediating Ideology in Text and Image: Ten Critical Studies**. Amsterdam: Benjamins, 2006. p. 1-17.

_____. Introduction: Discourse Studies - Important Concepts and Terms. In: WODAK, R.; KRZYŻANOWSKI, M. (eds). **Qualitative Discourse Analysis**. Basingstoke: Palgrave, 2008a. p. 1-29.

_____. The Contribution of Critical Linguistics to the Analysis of Discriminatory Prejudices and Stereotypes in the Language of Politics. In: WODAK, R.; KOLLER, V. (eds). **Communication in the Public Sphere**, pp. 291-316. Berlin: de Gruyter, 2008b.

_____. “Us” and “Them”: Inclusion/Exclusion - Discrimination via Discourse. In: DELANTY, G.; WODAK, R. and JONES, P. (eds). **Migration, Identity, and Belonging**, pp. 54-78. Liverpool: Liverpool University Press, 2008c.

_____. **The Discourse of Politics in Action: Politics as Usual**. Basingstoke: Palgrave, 2009a.

_____. Staging Politics in Television: Fiction and/or Reality?. In: HABSCHIED, S. Habscheid; KNOBLOCH, C. (eds). **Discourses of Unity: Creating Scenarios of Consensus in Public and Corporate Communication**. Berlin: de Gruyter, 2009b. p. 33-57.

_____; FAIRCLOUGH, N. Recontextualising the Bologna Declaration: The Cases of Austria and Romania. In: **Critical Discourse Studies** (in press), 2009.

WRIGHT, W. **Sixguns and Society: A Structural Study of the Western**. Berkeley: University of California Press, 1977.

Tradução:

Kelly Cristina de Oliveira

Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo, Brasil, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade. E-mail: kelly_cristina_oliv@yahoo.com.

Moisés Olímpio Ferreira

Doutorando em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Brasil, sob a orientação da Profa. Dra. Lineide Salvador Mosca e coorientação do Prof. Dr. Henrique Graciano Murachco. E-mail: moisesolim@usp.br.

Revisão:

Roberto Santos de Carvalho

Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: robertlinguistica@hotmail.com.